

# Positivo, negativo ou neutro? Um olhar de métodos mistos sobre a variável “valência” em análises de conteúdo jornalístico

**Fabro Steibel e Milena Marinkova**

## Resumo

Este artigo interroga os estudos de valência da mídia enquanto método investigativo. Argumentamos que o uso de métodos quantitativo e qualitativo para análise de valência na mídia gera resultados inconsistentes quando analisados por paradigmas de pesquisa quantitativo e/ou qualitativos. Para fundamentar nosso argumento, analisamos os resultados e a metodologia utilizados em projeto financiado pela Agência de Direitos Humanos da União Europeia analisando a cobertura jornalística inglesa sobre imigrantes e minorias na região. Neste artigo selecionamos as variáveis quantitativas e qualitativas usadas no projeto para explicar a valência dos jornais analisados, e averiguamos a consistência de resultados entre estas. Ao fazer isso, aplicamos princípios da pesquisa de métodos mistos para analisar os resultados das variáveis de valência, e refletimos sobre como estas variáveis podem ser combinadas para responder aos objetivos gerais da Agência financiadora. Os resultados indicam que análise de valência em análise de conteúdo da mídia apresentam mais contradições do que soluções, e que os resultados precisam ser seriamente relativos antes de responder se a cobertura da mídia referente a determinado tema é positiva, negativa ou neutra.

### Palavras-chave:

Métodos mistos. Análise de conteúdo.  
Jornalismo. Direitos Humanos.

**Fabro Steibel** | ofabro@ofabro.com

Doutor em Comunicação pela Universidade de Leeds, Institute of Communications Studies, Inglaterra. Bolsista pos-doc na Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em Comunicação.

**Milena Marinkova** | Milena.Marinkova@gmail.com

Doutora em Letras pela Universidade de Leeds, Inglaterra. Pesquisadora Associada da Universidade de Huddersfield, Inglaterra.

## 1 Introdução

Os manuais e livros de referência sobre métodos de pesquisa em Comunicação Política apresentam uma ampla gama de métodos, medidas e técnicas analíticas destinadas a gerar e avaliar os achados de campo (BUCY; HOLBERT, 2011; CHADWICK; HOWARD, 2009; MORAN; MARTIN; GOODIN, 2007). As fontes abrangentes de pesquisa em Comunicação Política cobrem as principais técnicas analíticas tais como pesquisas de opinião, experimentos, análise de conteúdo, análise de discurso, análise de rede e deliberação, desenhos de estudos comparativos, análise estatística e outras. Mas essas contribuições não tratam da forma como a combinação de diferentes paradigmas de pesquisa da pesquisa metodológica afeta o estudo da comunicação política. Os paradigmas

de pesquisa são importantes por quatro razões principais: definem pressupostos e posições filosóficas, arcabouço lógico de investigação, funcionam como diretrizes para a prática e limitam os compromissos sociopolíticos (JOHNSON; ONWUEGBUZIE; TURNER, 2007). Discutir a importância de métodos e paradigmas de pesquisa mistos em estudos de comunicação política não é o mesmo que considerar os métodos mistos como metodologia distinta de investigação, porque não o são (GREENE, 2008). No entanto, entender como os métodos qualitativos e quantitativos são combinados pode ser crucial para responder perguntas simples do campo da comunicação política, tais como: a cobertura da mídia em geral é a favor ou contra os grupos minoritários? Em que medida essa abordagem transparadigmática é confiável? E existe alguma forma como as limitações do pós-positivismo (análise quantitativa) e do construtivismo (análise qualitativa) possam ser superadas ou pelo menos cortadas gerando assim um diálogo produtivo, mesmo se não abrangente ou absolutamente impecável? Neste sentido, nossa argumentação trata de perguntas levantadas por Husband e Downing (2005, p. 20) a respeito da necessidade de interrogar a suposta compatibilidade entre método e pergunta de pesquisa:

Devemos manter aguda e constante consciência de como as questões específicas de pesquisa atraem paradigmas teóricos particulares e tendem a substituir a escolha do método de pesquisa. Por conseguinte, precisamos questionar a adequação do método ao problema da pesquisa. Devemos olhar além

do foco pragmático do projeto de pesquisa específico. E devemos procurar uma sofisticação interdisciplinar ao aprender a articular diferentes contribuições da pesquisa em uma síntese coerente e legítima.

A busca de paradigmas teóricos alternativos e metodologias interdisciplinares amplia o escopo dos resultados da pesquisa para além das conclusões puramente empíricas, mas também chama a atenção para os problemas inerentes a pesquisa de método misto. Se a “legitimidade” de uma metodologia de pesquisa deve ser verificada em relação à sua abertura a diversas epistemologias, é igualmente importante estar alerta à susceptibilidade dessa integração metodológica à incoerência e à interpretação errada.

Em nossa discussão sobre pesquisa de método misto, focalizamos uma variável específica, que é a Estimção, que foi uma importante preocupação metodológica na pesquisa de análise de conteúdo (POOLE, 2002; RICHARDSON, 2004). Nosso argumento é que a variável Estimção pode ser uma forma produtiva de fazer a interseção entre abordagens analíticas quantitativas e qualitativas. Entretanto, o subjetivismo inerente ao termo, assim como as dificuldades semânticas e pragmáticas que sua quantificação impõe, torna esta interpretação inicial, oportuna, da variável um tanto otimista. Este artigo, portanto, resume as ciladas da variável Estimção, em vista de seu potencial para reduzir questões complexas de representação a binários simplistas quando codificada sem análise discursiva suficiente.

Por fim, propomos algumas soluções para estes problemas, defendendo não tanto a rejeição da variável Estimação, mas sua aplicação judiciosa. Da mesma forma, não dizemos que a pesquisa de método misto pode levar a achados perspicazes, mas alertamos contra a aplicação mecânica das abordagens transparadigmáticas, e afirmamos que as lacunas e inconsistências evidenciadas por diferentes paradigmas podem revelar mais sobre a ambivalência da representação da mídia do que sua sincronização acrítica.

Para tanto, o presente artigo discute as conclusões de um projeto piloto de pesquisa encomendado pela Agência de Direitos Fundamentais (Fundamental Rights Agency - FRA) da União Europeia sobre a cobertura da imprensa relativa a minorias e migrantes no Reino Unido e outros cinco países da UE entre fevereiro e junho de 2008. Os resultados da pesquisa incluíram duas vastas bases de dados (quantitativos e qualitativos), e é na combinação destas (e os achados) que nos centraremos. A amostra usada neste artigo refere-se à minoria muçulmana e ao grupo migrante no Reino Unido. Temos pouco a acrescentar ao debate sobre o que práticas “boas” ou “ruins” de mídia na representação das minorias e dos migrantes (o que está relacionado com a direção normativa na análise política); nosso objetivo é muito mais simples: discutir a validade dos achados do projeto FRA e a viabilidade de sua metodologia em relação à complexidade da variável Estimação.

Não trataremos aqui de algumas limitações pré-existentes do projeto piloto FRA em si. Em primeiro lugar, sabe-se das limitações próprias da análise de conteúdo como método. Esta ignora aspectos no processo de elaboração de sentido, tal como as instituições sociais de produção e consumo de discurso, focando, em vez disto, na análise da própria mensagem. Em outras palavras, a metodologia piloto circunscreve o fato de que “na mídia, a convergência não é apenas imaginada, mas também negociada” (GEORGIU et al., 2007). Em segundo lugar, o projeto é restrito à análise da mídia nacional, ignorando a presença da mídia de nicho e regional, onde a mídia minoritária é normalmente consumida e produzida (ALIA; BULL, 2005). Em terceiro lugar, a análise de conteúdo como mensagem explícita e racional provavelmente descuidará da “leitura sintomática” do conteúdo (HUSBAND; DOWNING, 2005), ofuscando as representações irônicas e figurativas de migrantes e minorias.

Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que o projeto piloto FRA forneceu sistematicamente dados empíricos sobre a cobertura das minorias na imprensa europeia. Equipou-nos com valiosos índices e fontes de pesquisa transtemporais e transnacionais que vão fazer avançar o estudo comparativo das mídias e sistemas de política (HALLIN; MANCINI, 2004). Seu desenho foi deixado deliberadamente aberto às contribuições das equipes de diferentes equipes a fim de dar espaço ao inevitável elemento subjetivo do processo de pesquisa de mídia, refletindo

os mapas cognitivos e os imaginários públicos das equipes de pesquisa participantes. Neste sentido, apoiamos sincera e incondicionalmente a intenção e os propósitos do projeto piloto. Monitorar o papel das minorias e dos migrantes na mídia da União Europeia é com certeza uma tarefa necessária, que acreditamos deva tornar-se um projeto permanente. Nossa contribuição visa a interpretar os achados deste projeto tanto quanto contribuir produtivamente para futuras discussões sobre a aplicabilidade e a confiabilidade de pesquisa de método misto na análise das representações na mídia de migrantes e minorias.

## 2 Pesquisa de método misto

Como Cottle argumenta apropriadamente, um desafio considerável nos estudos sobre minorias e sua relação com a mídia é entender “que métodos servem melhor para analisar as representações da mídia e desvendar a maneira como fazem mensagens circular e geram significados” (COTTLE, 2006, p. 7). Isto significa que entender “as formas complexas como quais as mídias muitas vezes estão envolvidas nos conflitos enquanto disseminam ideias e imagens sobre eles” (8) depende do método usado para enquadrar a análise. O projeto piloto FRA usou uma abordagem de método misto, combinando análise quantitativa (isto é, codificando todos os artigos sobre minorias ou migrantes em termos de um conjunto de variáveis tais como grupo minoritário, religião, etnia, questões de minorias, manchete, seção do

jornal, área temática, etc.) com análise qualitativa (isto é, codificando o leque de atributos e termos usados para se referir aos grupos minoritários). As limitações dos dois métodos são encontradas principalmente na comparação entre ambos: as variáveis quantitativas (p.ex., número de menções de um grupo minoritário) não podem ser usadas para qualificar o contexto no qual a referência a um grupo minoritário específico é feita; e não se pode considerar, de nenhum modo representativo, que a lista qualitativa de termos usados para se referir a um grupo minoritário indique com precisão a frequência com que o grupo é representado na totalidade da amostra.

Idealmente, as duas bases de dados deveriam ser complementares. O problema, entretanto, é que a abordagem de método misto não consiste em meramente adicionar as duas bases de dados, mas, ao contrário, convida ao exame minucioso e conciliação das discontinuidades entre os dois paradigmas de pesquisa, que correspondem, grosso modo, a positivismo/pospositivismo e construtivismo/interpretativismo (MORGAN, 2007). Assim, o número de menções de um grupo minoritário específico se refere, em suma, à “noção positivista de uma realidade singular, a única e exclusiva verdade que existe e está esperando para ser descoberta pela investigação objetiva e isenta de juízos de valor”, ao passo que a análise de uma lista de termos e atributos usados para descrever um grupo minoritário refere-se à ideia de que não existe uma única realidade objetiva e de que “a investigação

subjetiva é o único tipo possível de fazer” (ERLANDSON et al., 1993, p. xi apud FEILZER, 2010). A análise de método misto tenta preencher a lacuna entre estas duas conceptualizações opostas (p.ex., os dois conjuntos de dados) levando em conta as diferentes premissas a partir das quais operam. Isto deveria propiciar um método de pesquisa que não se concentre apenas no problema a ser pesquisado e nas consequências da pesquisa, mas que também demonstre que “olhar para o fenômeno com diferentes perspectivas [...] [pode] proporcionar uma compreensão enriquecida” (JUCK, 1979 apud FEILZER, 2010, p. 9).

A decisão da FRA de codificar de **nove** maneiras diferentes a variável Estimação é, a nosso ver, uma tentativa de preencher a lacuna conceitual entre estes dois paradigmas.<sup>1</sup> Uma codificação elaborada como esta tem várias vantagens. Em primeiro lugar, quantifica a perspectiva geral de um determinado jornal a respeito de grupos minoritários específicos ou questões correlatas por meio de variáveis tais como Estimação Global do conjunto de dados quantitativo e Conotação do Artigo com base no conjunto de dados qualitativos. Em segundo lugar, quantifica as perspectivas de diferentes participantes no evento de mídia por meio de variáveis tais como Estimação dos Atores (codificando a maneira como os Atores foram apreciados) e Estimação dos Oradores (codificando

a forma como os Oradores apreciam a questão/ o ator relacionado à minoria). Em terceiro lugar, permite a subdivisão da Estimação Global do artigo em suas partes componentes e a quantificação da estimativa destes microelementos por meio de variáveis como Estimação dos Atores, Estimação dos Oradores e Estimação das Questões. Em quarto lugar, quantifica a estimativa de grupos e questões minoritárias presentes na manchete e nos lides, e de como está relacionada com o teor de todo o artigo por meio da variável Estimação da Manchete e Estimação Global. Além destes processos de quantificação, o uso da variável Estimação no conjunto de dados qualitativos permite o registro e a análise parcial da estimativa por meio da codificação da conotação de palavras individuais usadas para referir-se às minorias (Conotação Geral) e a conotação global da representação da mesma minoria no artigo (Conotação do Artigo). Desta maneira, a variável Estimação na metodologia do FRA tenta preencher a lacuna entre a quantificação aparentemente “isenta de juízos de valor” de um conjunto de dados e a interpretação subjetiva do outro não apenas pela quantificação das diferentes apreciações nos níveis léxico, sintático e textual, mas também pela desconstrução da uniformidade fácil da noção de “Estimação” e levando em conta a diversidade de perspectivas e níveis de *agency*, bem como a visibilidade na mídia e a complexidade da análise do discurso.

<sup>1</sup> Sete dessas nove variáveis de Estimação são usadas no conjunto de dados quantitativos (Estimação Global, Estimação da Manchete, Estimação dos Oradores, Estimação dos Atores, Estimação de Questões, Conotação de Imagem e Conotação de Legendas), e duas, no qualitativo (Conotação do Artigo e Conotação Geral).

Embora registrem e quantifiquem diversos elementos que constroem as macroestruturas semânticas (DIJK, 1988, p. 17) dos artigos analisados, os diferentes níveis da variável Estimação da metodologia FRA não foram tão úteis para identificar efetivamente e analisar criticamente alguns elementos sequenciais das microestruturas das notícias - como, por exemplo, a sintaxe (ordem das palavras e estrutura da sentença) e a gramática do texto (coerência e coesão), as estratégias referencial e de predicação (REISIGL; WODAK, 2001) e algumas operações retóricas (ironia, trocadilhos, símiles, etc.). Além disso, a variável Estimação, tal como aplicada aos conjuntos de dados quantitativos e qualitativos, não pode ser útil para a análise do que van Dijk chamou de “estruturas globais” (DIJK, 1988, p. 17) – em particular, os esquemas das notícias – que afetam e têm efeito sobre os textos cognitivos que estão no âmago da recepção pelo público das mensagens da mídia. Como já apontamos, a análise extratextual — dos fatores cognitivo (dos participantes no evento comunicativo), pragmático (os atos do discurso) e social (da produção e consumo de mídia) — foi tangencial ao projeto do FRA; entretanto, os elementos textuais que são funcionais nos processos de cognição e recepção não devem ser ignorados. Como destaca van Dijk, a “análise mais subjetiva” das opiniões da mídia (o estudo de caso de van Dijk é especificamente sobre editoriais, que, segundo as convenções gerais, quase nunca são isentos de juízo de valor) precisa “ser complementada por métodos analíticos mais **sutis**, envolvendo a **descrição**

de estruturas argumentativas, a **explicação** de premissas, normas e valores pressupostos (tácitos), e uma análise de estilo e dispositivos retóricos” (DIJK, 1988, p. 126-7).

Foi na “descrição”, “explicação” e “análise sutil” das opiniões da mídia que a mera quantificação da variável Estimação que realizamos não obteve o sucesso pretendido.

### 3 Apreciação na análise quantitativa

O projeto FRA monitorou por quatro meses os principais jornais de seis países da União Europeia: Reino Unido, França, Alemanha, Polônia, Espanha e Hungria. De fevereiro a junho de 2008, foram selecionados três dias de cobertura para codificação, cada um abrangendo quatro jornais em cada país. Todos os artigos de cada edição foram codificados com base na presença de qualquer menção a um Grupo de Migrantes ou de Minorias (GMM) na manchete ou no corpo do texto. Após o final do período de codificação, os seis países codificaram um total de 42.951 artigos, volume que diminuiu para 31.155 quando a decisão de abandonar os dados do primeiro mês do projeto (fevereiro de 2008) no intuito de aumentar a compatibilidade e a confiabilidade dos achados. Dos 31.155 artigos codificados em todos os países, 6,9% (2.164) mencionam um GMM. O Reino Unido foi o país com mais artigos codificados no projeto (543 dos 7.092 artigos codificados mencionam um GMM, ou 7,7% da amostra total).

Ao analisar o conjunto de dados por tipo de religião dos GMM, a amostra da FRA confirma o que outros autores (COTTLE, 2006; HUSBAND; DOWNING, 2005; RICHARDSON, 2004) já haviam identificado: que as minorias religiosas constituem uma questão central na cobertura da imprensa britânica (Tabela 1). Do número total de artigos que mencionam algum Ator/ Orador de um GMM (543), mais da metade (52%) identificam ao menos um Ator/ Orador por sua religião. Ocorre em todos os jornais estudados (variando de 44% em *The Sun* a 61% em *The Mirror*), bem como quando analisados por tipo de jornal e por orientação política (que, em todos os casos, é pouco mais

de metade dos artigos). Se considerarmos o quociente entre os artigos que identificam confissões religiosas, os artigos com GMM muçulmanos aparecem na amostra com frequência 70% superior à dos artigos que identificam o pertencimento a outros grupos religiosos. Embora em alguns jornais a proporção seja insignificante (p.ex, 8% em *The Guardian*), sugerindo que as várias identidades religiosas recebem cobertura comparável, nos tabloides a tendência, é inversa (240% em *The Sun* e 300% em *The Mirror*), pois os grupos GMM muçulmanos são explicitamente identificados com frequência até quatro vezes superior à de outros grupos religiosos.

Tabela 1: Porcentagem de artigos sobre GMMs por tipo de jornal, orientação política e religião de Ator/ Orador<sup>2</sup>

	Total % de artigos com GMM (N =543)	Total % de artigos com GMMs por grupo religioso			A. Porcentagem de art. GMM sem menção explícita de religião	B. Proporção entre com GMMs de religião Muçulm. e Não-Muçulmana
		1. Muçulm. (N=177)	2. Não-Muçulm. (N=104)	3. Sem Religião (N=262)		
<b>Nome do jornal</b>						
<i>Guardian</i>	(10,5%)	(2,8%)	(2,6%)	(5,1%)	48%	8%
<i>Telegraph</i>	(8,0%)	(2,6%)	(1,6%)	(3,8%)	47%	57%
<i>Sun</i>	(6,8%)	(2,3%)	(0,7%)	(3,8%)	56%	240%
<i>Mirror</i>	(4,4%)	(2,1%)	(0,5%)	(1,7%)	39%	300%
<b>Tipo de jornal</b>						
Broadsheet	(9,2%)	(2,7%)	(2,1%)	(4,4%)	48%	29%
Tabloide	(5,6%)	(2,2%)	(0,6%)	(2,7%)	49%	267%
<b>Orientação</b>						
Esquerda	(7,8%)	(2,5%)	(1,7%)	(3,6%)	46%	49%
Direita	(7,5%)	(2,4%)	(1,2%)	(3,0%)	45%	100%
<b>Total RU</b>	<b>(7,7%)</b>	<b>(2,5%)</b>	<b>(1,5%)</b>	<b>(3,7%)</b>	<b>48%</b>	<b>70%</b>

<sup>2</sup> O índice A (coluna 6) é calculado pela “% de artigos GMM Sem religião” (coluna 5) dividida pela “% total de artigos com MGG” (coluna 2). O índice B (coluna 7) é calculado dividindo “% de artigos GMM muçulmanos” (coluna 3) pela “% de artigos sem religião muçulmana” (coluna 4), menos 1.

Duas conclusões podem ser tiradas neste ponto: primeiro, a religião é uma questão central na imprensa do Reino Unido; segundo, quando a religião é indicada, o islamismo é de longe o antecedente religioso mais mencionado. Como será, porém, que este alto nível de visibilidade dos grupos muçulmanos na mídia se traduz na estimação da religião islâmica? Abordamos a questão nesta seção avaliando as vantagens e desvantagens de um projeto de análise de conteúdo que adotou variáveis quantitativas para refletir a Estimação dos GMM.

O projeto FRA decompõe a tarefa de medir a Estimação em cinco diferentes variáveis quantitativas, cada uma relativa a um nível diferente de análise.<sup>3</sup> O primeiro (Estimação Global) refere-se à macroanálise de como o artigo com um todo avalia o GMM específico; o segundo (Estimação de Manchete) codifica a forma como a parte mais visível do artigo avalia o GMM; o terceiro (Estimação de Questões) codifica o modo como cada questão relacionada a um GMM é apresentada pelos Oradores e/ou artigo; a quarta (Estimação dos Oradores) e quinta (Estimação dos Atores) codificam a maneira como os que têm voz ativa no artigo (Oradores) avaliam o GMM e como aqueles a quem o artigo se refere passivamente (Atores) são avaliados, respectivamente, pelos Oradores e/ou pelo artigo.

Durante o processo de codificação, cada variável de Estimação pôde tomar um de cinco valores possíveis: três deles referem-se à presença da apreciação explícita de uma GMM (“Positiva”, “Negativa” e “Ambivalente”), ao passo que dois outros valores referem-se à falta ou à impossibilidade de codificar uma apreciação explícita de uma GMM (“Sem apreciação” e “Ambígua”). O índice de análise apresentado na Tabela 2 resume a média desses valores com escala de +1 (apenas apreciação positiva) a -1 (apenas apreciação negativa). Deve-se notar, entretanto, que a proximidade de zero não significa que o GMM seja avaliado sob luz neutra. A razão desse resultado é que o índice pode ter valor “zero” em três casos: a) quando o artigo não usa nenhuma apreciação explícita (ausência de apreciação); b) quando o artigo usa apreciação explícita tanto positiva quanto negativa (apreciação ambivalente); e c) quando não se pode atribuir uma apreciação explícita a um tom particular (apreciação ambígua).

Como a Tabela 2 mostra, a imprensa do Reino Unido tem um índice de Estimação Global de 0,04, o que indica que não tende a usar estimação positiva nem negativa para se referir aos GMM. O fato de ter religião, no entanto, influencia a variável Estimação: embora os artigos que mencionam os GMM sem especificar religião tenham índice geral de 0,12 (apreciação

**3** Há quatro outras variáveis que codificam a Estimação em cada artigo. Duas destas são usadas para codificar as imagens que acompanham o artigo, que não foram tratadas aqui; outras duas variáveis são usadas na codificação da terminologia usada para referir-se ao GMM e serão analisadas na próxima seção.



ligeiramente positiva), os artigos que indicam religião não muçulmana são avaliados mais positivamente (0,32), e os que mencionam religião muçulmana são avaliados negativamente até certo ponto (-0,24).

Entretanto, quando os valores da variável de Estimação Global são comparados com outras variáveis de Estimação, os resultados não são tão conclusivos. A variável de Estimação de Manchete, por exemplo, apresenta índice de apreciação mais negativo para os GMM sem religião do que a

Estimação Global (-0,14 contra 0,12). Todavia, esta variável também apresenta índice de apreciação ligeiramente mais positivo para artigos sobre GMM muçulmanos do que o de Estimação Global (-0,05 contra -0,24), o que também é o caso do índice de Estimação em artigos sobre GMM de religiões não muçulmanas (0,23 contra 0,32). Assim, em nenhuma das três comparações feitas entre as duas variáveis os achados apresentados pela variável Estimação Global são constantes. Podemos concluir que os muçulmanos figuram ligeiramente melhor nas manchetes do que nos próprios artigos.

Tabela 2: Índices de Estimação dos GMM por grupos religiosos<sup>4</sup>

	Artigos mencionando GMMs			Média Total
	1. Muçulmanos	2. Não Muçulmanos	3. Sem religião	
<b>Estimação Global</b>	(0,24)	0,32	0,12	0,04
<b>Estimação da Manchete</b>	(0,05)	0,23	(0,14)	(0,04)
<b>Estimação das Questões</b>	(0,05)	0,49	0,11	0,13
<b>Estimação dos Oradores</b>				
Todos os Oradores GMM	0,05	0,46	0,15	0,17
Apenas Oradores muçulmanos	0,34	n/a	n/a	0,34
Apenas Oradores não-muçulm.	0,19	0,72	n/a	0,60
Apenas Oradores sem religião	(0,06)	0,34	0,15	0,11
<b>Estimação dos Atores</b>				
Todos Atores GMM	(0,05)	0,14	0,07	0,04
Apenas Atores muçulmanos	(0,43)	n/a	n/a	(0,43)
Apenas Atores não-muçulm.	0,18	0,19	n/a	0,19
Apenas Atores sem religião	0,13	0,12	0,07	0,10

<sup>4</sup> Contagem para as variáveis apresentadas, na seguinte ordem: Contagem Total (N), Muçulmanos, Não Muçulmanos e Sem religião. Estimação Total e Estimação da Manchete (N=543: 177, 104, 262); Estimação das Questões (N=1,293: 463, 273, 557); Estimação dos Oradores (N=1,188: 464, 235, 489); e Estimação dos Atores (N=3,552: 1,442, 696, 1,412). Um ponto importante a ter em mente é que enquanto só pode haver um valor de Estimação Total e de Estimação da Manchete por artigo (portanto sua contagem corresponde à contagem total dos artigos sobre GMM), pode haver mais que um Orador, Ator ou Questão sobre a Minoria por artigo; portanto a contagem das variáveis de Estimação correspondentes ultrapassam a contagem de artigos sobre MMG.

Ao comparar a Estimação de Questões com a Estimação Global, pode-se chegar a conclusão semelhante. É importante ressaltar a microanálise realizada pela variável Estimação de Questões; assim como a Estimação dos Atores e à Estimação dos Oradores, esta codifica uma das muitas estimações que constituem elementos fundamentais da Estimação Global do artigo. Entretanto, deveria, até certo ponto, concordar com este último. As duas variáveis apresentam índice de Estimação similar para artigos sobre GMM Sem religião (0,11 contra 0,12); no entanto, a variável de Estimação de Questões tem índice mais positivo em relação aos artigos sobre GMM Não muçulmanos do que a Estimação Global (0,49 contra 0,32), e índice menos negativo de apreciação dos artigos GMM muçulmanos do que a variável Estimação Global (-0,05 contra -0,24). Em suma, das três comparações feitas, apenas uma confirma os resultados apresentados pela variável Estimação Global.

Se repetirmos os procedimentos acima comparando os índices de Estimação Global com os de Estimação de Oradores e Estimação de Atores, encontramos resultado similar. Das seis comparações possíveis entre as três variáveis, os achados para Estimação Global são confirmados em apenas uma (Estimação dos Oradores sem religião, cujo índice é de 0,15, correspondente ao índice de Estimação Global de 0,12), ao passo que, em cinco outras comparações, os achados da Estimação Global são contestados pelos índices de Estimação de Oradores/ Atores.

Em vista dos resultados para as cinco variáveis de Estimação analisadas acima, podemos concluir que dez dos doze exercícios comparativos usados para testar a confiabilidade do índice de Estimação Global deixaram de confirmar os achados iniciais. Embora testes estatísticos mais avançados pudessem indicar as razões desta discrepância (que escapa ao escopo deste artigo), há evidência suficiente para sugerir que a codificação dos artigos com base na macroanálise de apreciação (isto é, a variável de Estimação Global) fornece resultados inconsistentes para entender a forma como os GMM são apreciados na imprensa. Além disto, a Estimação Global não nos permite entender os meios pelos quais o artigo constrói esta apreciação. Se a comparação entre Estimação da Manchete e Estimação Global pode nos dar pistas sobre os esquemas das notícias ou a agenda política do jornal, as variáveis Estimação das Questões, Estimação dos Atores e Estimação dos Oradores quantificam a apreciação em um nível micro que não resulta nos valores da Estimação Global codificados na amostra, ou a estes não corresponde de maneira direta.

A macroanálise da estimacão nem sempre é confiável, mas a microanálise pode fornecer melhores resultados do que os encontrados na variável Estimação Global. As variáveis Estimação dos Oradores e dos Atores nos permitem analisar o modo como cada referência a um GMM (Ator ou Questão) é avaliada no artigo. Se analisarmos, por exemplo, apenas os artigos que mencionam pelo menos um GMM muçulmano como Ator ou

Orador, observaremos, no índice de Estimação dos Oradores, que os Oradores Muçulmanos geralmente apreciam os tópicos GMM de maneira positiva (0,34), ao passo que os Oradores de outros grupos religiosos apreciam os GMM sob luz menos positiva (índice de 0,19), e os Oradores sem identificação religiosa apreciam os tópicos GMM de maneira ligeiramente negativa (índice de -0,06). O oposto ocorre quando analisamos a Estimação dos Atores: os Atores Muçulmanos são apreciados de forma relativamente negativa (índice de -0,43), os Atores não Muçulmanos são apreciados sob luz ligeiramente positiva (0,18), e o mesmo ocorre com os Atores sem religião expressa (0,13). Levando em consideração estes resultados, podemos concluir que, nos artigos que mencionam uma Questão, Ator ou Orador islâmico, os muçulmanos com voz ativa (atuando como Oradores) descrevem os GMM de forma geralmente positiva; quando, contudo, são descritos por outros (agindo como Atores), os muçulmanos são, na maioria das vezes, retratados sob luz negativa.

#### 4 Estimação na análise qualitativa

O conjunto de dados qualitativos do projeto FRA documentou os atributos e termos utilizados para se referir aos GMM nos jornais que o presente estudo abrange. Dado o aspecto qualitativo desta parte do projeto, a equipe não contou o número de ocorrências de um termo específico usado

a respeito de um GMM no mesmo artigo. Além disso, os termos que eram significativamente semelhantes foram codificados apenas uma vez, por exemplo, “Europeu Oriental” e “Europeus Orientais”. Assim a equipe pôde registrar a variedade do vocabulário utilizado para representar minorias e migrantes, comparar diferentes edições e períodos históricos do jornal. Também distinguimos terminologia “Implícita” de “Explícita”, o que deu indícios sobre os referenciais disponíveis para os leitores do jornal e sobre em que medida os jornais se baseiam nessas formas de conhecimento adquirido a fim de transmitir a mensagem. Por fim, distinguimos a conotação da palavra individual usada para se referir a um GMM (Conotação Geral) da conotação da representação global deste GMM no artigo (Conotação do Artigo).

Esta distinção no que de fato são dois tipos de Estimação possibilitou a comparação entre os sentidos veiculados por estruturas não sequenciais (semântica de palavras individuais e de frases nominais), e representações complementadas pelas estruturas sequenciais e “globais” (DIJK, 1988, p. 17) do artigo (sintaxe e gramática do texto, estilo e retórica, argumentação e esquemas da notícia). O elemento discursivo na Conotação do Artigo<sup>5</sup>, talvez não tão confiável ou quantificável quanto uma representação numérica, subdivide a estimação da mídia em

<sup>5</sup> A conotação do Artigo foi codificada não simplesmente como um valor numérico mas teve um lado discursivo explicativo, que resumiu em uma sentença como um GMM foi representado no artigo total.

suas múltiplas camadas. Além disso, a variável Conotação do Artigo da análise qualitativa é mais específica do que a variável Estimação Global da análise quantitativa, já que transmite a apreciação da mídia sobre um GMM específico, ao passo que a variável Estimação Global do conjunto de dados quantitativos aborda a apreciação (por todas as partes) de todos os GMM e questões relacionadas aos GMMs a que se refere um determinado artigo. Assim, obtém-se um grau de especificidade na análise qualitativa, mediante a qual os pesquisadores podem comparar as atitudes da mídia em relação aos diferentes GMMs em um mesmo artigo ou a um dado GMM em diferentes artigos, jornais e países.

A desvantagem desta metodologia qualitativa é que, assim como na análise quantitativa, a discrepância entre diferentes níveis de apreciação (Conotação Geral e Conotação do Artigo) foi meramente observada e anotada. A metodologia que consiste em reunir termos em listas não necessariamente proporciona uma ideia clara de como um jornal redefine — linguística, estatística e retoricamente — a semântica de um termo individual, tornando-o algo diferente no nível do texto. Entre as vias possíveis para novas explorações estão as narrativas culturais e outras usadas para enquadrar os GMM, estrutura lógica e

argumentação do discurso de notícias (EEMEREN et al., 1997), além de dispositivos de sintaxe, estilo e retórica (CAMERON, 1996; JUCKER, 1992). Embora o valor Ambíguo das variáveis de Estimação pretenda acomodar sentidos não literais (especialmente em trocadilhos, ironia, sarcasmo, etc.), sua imprecisão permite uma confluência de um número excessivo de estratégias diferentes.

Como mencionado acima na análise quantitativa, o GMM muçulmano foi significativamente mais visível do que as outras identidades religiosas na cobertura da imprensa do Reino Unido durante toda a duração do projeto FRA; o GMM foi mencionado em TODAS as edições de TODOS os jornais no período considerado. O número total de termos utilizados em relação ao GMM Muçulmano<sup>6</sup> é o segundo mais elevado, com 570 registros (a terminologia sobre o grupo Majoritário vem em primeiro lugar). No nível de palavras individuais (Conotação Geral), os termos usados para se referir aos muçulmanos tendem a ser neutros ou negativos. Estes últimos costumam invocar terrorismo, fanatismo e militância religiosos, e, em menor número de casos, depravação moral. Com conotações positivas, o GMM é mais uma vez enquadrado no discurso do extremismo, mas desta vez como vítima direta ou indireta do

**6** No conjunto de dados qualitativo sobre o GMM muçulmano nossa equipe de pesquisa incluiu não apenas termos que designavam explicitamente um indivíduo ou um grupo como muçulmano, mas também referências aos iraquianos, palestinos, paquistaneses e árabes. Neste sentido, nossa abordagem difere da usada por Elizabeth Poole (2002), na medida em que como a mídia opera por sugestão e associação, e mesmo quando uma designação explícita de um GMM está ausente, os leitores são convidados a fazer o salto cognitivo e identificar um indivíduo como minoria por certas dicas visuais ou verbais presentes no imaginário do público.

terrorismo. No nível do texto (Conotação do Artigo), a ambivalência é maior. As conotações positivas tendem a representar os muçulmanos como uma comunidade que é alvo de intervenções militares ocidentais (os conflitos no Iraque e no Afeganistão) ou de preconceitos raciais e religiosos ocidentais (especialmente no contexto do Reino Unido), assim como uma comunidade dividida por disputas internas (entre sunitas e xiitas, progressistas e conservadores, moderados e extremistas). Fora do discurso de “guerra ao terror”, os muçulmanos são também representados como comunidade religiosa de paz e tolerância multicultural, como grupo que sofre opressão de regimes da China, Líbia e Oriente Médio, e, no contexto interno do Reino Unido, como comunidade que sofre privação econômica e é

alvo de discriminação institucional e comunitária. Esta imagem de vitimização é, contudo, superada pela representação negativa de muçulmanos como extremistas e terroristas perigosos, como comunidade autosssegurada, pouco disposta a integrar-se à sociedade que a acolhe (contexto do Reino Unido), como ameaça aos valores ocidentais e de outras comunidades religiosas (principalmente cristãos e judeus), como grupo étnico conservador e misógino. De maneira similar, o Islamismo é discutido como credo potencialmente hostil e violento para os não-crentes, mas também como sistema que pode ser explorado tanto por pregadores/terroristas fundamentalistas como pelos líderes políticos ocidentais (para campanhas eleitorais, por exemplo).

Estimação das Questões (top 7) por grupo religioso<sup>7</sup>

Questões das minorias	Muçulmanos		Não muçulmanos		Sem religião		Total	
	$\bar{x}$	N	$\bar{x}$	N	$\bar{x}$	N	$\bar{x}$	N
Decisões políticas e debates sobre regulação p/ minorias e migrantes	0,06	(36)	0,13	(16)	-0,15	(62)	-0,04	(114)
Terrorismo com minorias sendo (supostas) ameaças e agressoras	-0,71	(96)	-1,00*	(2)	-1,00*	(6)	-0,73	(104)
Discriminação por órgãos e instituições públicas	0,68	(28)	0,56	(25)	0,69	(32)	0,65	(85)
Diversidade e Integração (em geral)	0,44	(18)	0,81	(16)	0,32	(31)	0,48	(65)
Violência e Crime tendo minorias como vítimas	0,65	(17)	0,86	(21)	0,65	(26)	0,72	(64)
Violência e Crime com minorias sendo (supostas) ameaças e agressoras	-0,57	(28)	-0,33*	(6)	-0,67	(27)	-0,59	(61)
Minorias na arte, cultura, entretenimento e celebridade	0,86*	(7)	0,75	(12)	0,39	(33)	0,54	(52)
Imigração	0,17*	(6)	0,50*	(2)	0,02	(44)	0,06	(52)

7 Médias com a notação \* se referem a células nas quais N < 10 artigos.

A análise da Estimação de Questões na amostra quantitativa confirma as conclusões acima. Entre as dez principais questões das 65 codificadas, o “Terrorismo com minorias como (supostas) ameaças ou agressores” é uma questão quase exclusivamente associada ao GMM muçulmano (N=96 em 104) e tendeu a ser avaliada negativamente (índice de -0,71). Os muçulmanos são avaliados positivamente em relação à “Discriminação por órgãos e instituições públicas” (0,44), que é um índice mais baixo do que o de Estimação de Questões relacionada aos GMM não muçulmanos (0,81), porém ainda mais alto do que a Estimação de Questões relacionadas aos GMM não religiosos (0,32).

Os achados dos conjuntos de dados quantitativos e qualitativos reiteram amplamente as conclusões de estudos anteriores sobre representações midiáticas de muçulmanos na imprensa ocidental (KARIM, 2003; POOLE, 2002; POOLE; RICHARDSON, 2006; RICHARDSON, 2004). Além disto, porém, argumentamos que a metodologia qualitativa do projeto FRA destaca a discrepância entre apreciações no nível micro (palavras individuais) e expressas no nível macro do texto, corroborando assim nossas conclusões sobre a incompatibilidade entre as diferentes Estimações na análise quantitativa. No restante deste documento, portanto, limitaremos o escopo da análise qualitativa do FRA ao discutir a cobertura

de um único evento de mídia que envolveu o GMM muçulmano, e ao expandir a análise dos elementos que o conjunto de dados qualitativos definido para o projeto FRA deixou de levar em conta. O fato de concentrar-nos em apenas um evento de mídia nos permitirá rastrear elementos semânticos sequenciais, o que pode ajudar a desconstruir tanto as narrativas de mídia construídas em torno dos GMM muçulmanos (principalmente através de grupos temáticos) quanto a argumentação e as estruturas referenciais usadas para afetar os mapas cognitivos dos leitores. Isto pode ser visto como uma das possíveis soluções para os desafios metodológicos que enfrenta a categoria Estimação na análise de conteúdo – a necessidade não apenas de quantificá-la no nível micro a Estimação dos Oradores, Estimação dos Atores e Estimação das Questões, mas também de explicá-la e analisá-la de maneira contextualizada e diacrônica.

## 5 Desembalar a “Estimação” no contexto

Para os fins do presente artigo, nossa análise aborda uma grande controvérsia ocorrida na vida política do Reino Unido em 2008: o debate em torno do projeto de lei dos 42 dias de detenção antes da indicição de um suspeito.<sup>8</sup> Embora a maior parte da cobertura da imprensa escrita sobre o debate enfocasse as manobras políticas de Gordon Brown, o GMM muçulmano não ficou totalmente fora dos holofotes. Mas quase. O que

8 Depois de acalorado debate, a Câmara dos Comuns votou a favor. Esta apertada vitória da legislação anti-terrorista do Partido Trabalhista (por meros 9 votos) teve vida curta, a Câmara dos Lordes depois reinstaurou a lei dos 42 dias.

as tabelas qualitativas do FRA não captaram foi a breve aparição do grupo minoritário nas páginas e páginas de análise da erosão das liberdades civis. Os jornais de qualidade mencionaram o GMM muçulmano no contexto da que foi percebida como violação das liberdades civis pelo governo trabalhista, ao passo que os tabloides exploraram os o medo que o terrorismo inspira no público. E mesmo que o terrorismo não fosse explicitamente relacionado ao GMM muçulmano no Reino Unido, o fato de o projeto de lei a respeito dos Muçulmanos Britânicos “desfavorecidos” ser discutido em outras seções dos jornais (com a exceção de *The Mirror*) ajudou os leitores a darem o salto cognitivo e associarem o terrorismo ao Islamismo. Isto demonstra a necessidade de incluir no conjunto de dados qualitativos não apenas as referências explícitas ao GMM muçulmano, mas também as menos diretas (em contraste com POOLE, 2002), visto que a mídia trabalha por sugestão e plasma os mapas cognitivos dos leitores por meio de relações associativas.

Se olharmos a terminologia em artigos que se referem explicitamente ao GMM muçulmano, a amostra confirma os resultados do projeto como um todo. No nível da palavra individual (Conotação Geral), a maioria dos termos é neutra, é muito raro o uso de termos explicitamente positivos ou negativos. Os atributos positivos definem o GMM muçulmano como pessoas bem sucedidas na sociedade que os acolhe (“muçulmanos de alto nível”), ao passo que

os negativos aludem a possíveis associações terroristas (“terroristas”, “doidos islâmicos”). No nível textual (Conotação do Artigo), a imagem é mais variada. Quando se trata de Conotação do Artigo positiva, o grupo é visto com vítima do passado e da nova legislação contra o terrorismo: “A Grã-Bretanha tornou-se, para esses homens, não um refúgio, mas um país kafkiano” (*Guardian*, 10/06). A imprensa de direita, por outro lado, reconhece o lugar da comunidade muçulmana na sociedade britânica como trabalhadora e respeitosa dos valores liberais: “A comunidade muçulmana fará tudo o que puder para proteger nossa sociedade e nossos valores” (*Sun*, 10/06); “O Fórum Muçulmano Britânico disse que, após conversar com os ministros, seus integrantes estavam seguros de que as salvaguardas da nova legislação protegeriam as liberdades civis” (*Telegraph*, 10/06). Esta declaração, de maneira um tanto surpreendente, gerou o apelo lançado por *The Sun* a seus leitores de que prestassem atenção ao aval muçulmano a um projeto de lei de caráter bastante não liberal: “No furor sobre [o projeto de lei para] a detenção de 42 dias para os suspeitos de terrorismo, ainda não tínhamos ouvido a voz autêntica da comunidade muçulmana” (*Sun*, 10/06). De maneira semelhante à amostra da imprensa de esquerda, a vitimização dos muçulmanos está presente; entretanto, a minoria é discutida como vítima dos ataques terroristas, não da legislação discriminatória: “Ele diz que o atentado à bomba em Londres no dia 7 de julho ensinou aos muçulmanos que a probabilidade de serem

vítimas do extremismo é igual à de quaisquer outros grupos” (*Sun* 10/06); “Como vimos nos ataques de 7 de julho, é tão provável que os muçulmanos sejam vítimas dessas conspirações quanto qualquer outro cidadão britânico” (*Telegraph*, 10/06).

O que devemos ter em mente ao analisar a amostra é que, apesar das positivas Conotações do Artigo sobre os GMM muçulmanos, a apreciação é mais ambivalente. Em primeiro lugar, isto se deve ao espaço limitado dado aos muçulmanos nesses artigos; como já apontamos, a maioria dos relatos concentra-se em querelas intra- e interpartidárias sobre a erosão das liberdades civis, manobras políticas dos deputados, e equilíbrio dos poderes legislativo e executivo no Reino Unido. Salvo um artigo que aborda a arte dos detentos muçulmanos e uma carta ao editor, *The Guardian* – o jornal de esquerda que é o defensor mais convicto dos valores liberais e das liberdades civis – só concedeu à minoria um parágrafo de apenas uma frase em suas discussões de resto abrangentes. Ao mesmo tempo, as análises extensas dos GMM muçulmanos nos artigos da imprensa de direita (e a nota positiva presente em alguns deles) não devem nos enganar: representantes e até porta-vozes do grupo minoritário estão acostumados a sustentar o argumento de que o Reino Unido precisa restringir as liberdades civis. Em segundo lugar, se considerarmos o conteúdo de apreciações positivas na imprensa, estas também suscitam algumas questões interessantes. A vitimização do GMM muçulmano parece ser um tema recorrente,

descrevendo o grupo seja como vítima de atos legislativos injustos (imprensa de esquerda), seja como vítima do terrorismo islâmico (imprensa de direita). Isto não representa necessariamente o grupo como agente empoderado para fazer algo além de recorrer a métodos ilegítimos de resistência. Além do mais, a persistente designação do GMM muçulmano como grupo distinto dentro da sociedade britânica implica integração incompleta; *The Sun*, em particular, articular a necessidade de ouvir uma voz muçulmana “autêntica”, mesmo que sua manchete (“Muçulmano mais importante do Reino Unido”) possa sugerir alto grau de coesão social.

Quando se trata de Conotação de Artigo negativa, a situação reitera os achados do projeto como um todo. Os muçulmanos figuram como terroristas (potenciais) tanto nos jornais tradicionais (*broadsheet*) quanto nos tabloides, e na imprensa de todo o espectro político: “Nossas liberdades estão ameaçadas por dois lados. São ameaçadas pelos terroristas, especialmente pelos jihadistas takfiri, que tiram partido das novas tecnologias e de sociedades abertas para matar, mutilar e aterrorizar os inocentes.” (*Guardian*, 12/06); “Foram detidos em setembro, quando fabricavam uma enorme bomba, terroristas que tramavam um ataque suicida contra a Embaixada Britânica na Dinamarca. Acredita-se que os homens eram remanescentes de um grupo coordenado por militantes islâmicos baseados em Londres que usavam uma série de sites secretos da internet” (*Sun*, 10/06). A imprensa de esquerda



está claramente mais preocupada com as liberdades civis em geral, com o *The Guardian* comentando sobre as violações dos direitos civis no país e no exterior (mas principalmente nos países muçulmanos): “deportações para países que praticam a tortura - Argélia, Líbia e Jordânia” (*Guardian*, 10/06/08). Portanto, mesmo que as análises do *Guardian* tendam a ver os muçulmanos como vítimas de violações dos direitos civis, eles são também o indicador que serve para medir a gravidade da violação (“terroristas jihadistas takfiri” e “países que praticam a tortura” sendo o extremo dessa visão). Muito mais explícito e sensacionalista, o *The Sun* instila a paranóia em seus leitores; com apenas um termo no conjunto de dados qualitativos (“terroristas”), o jornal dedica uma página dupla ao terrorismo islâmico, misturando todos os tipos de atos terroristas internacionais a fim de influenciar o público a favor do projeto de lei contra o terrorismo – “42 Razões Por Que a Grã-Bretanha Deve Ter 42 Dias para Deter os Suspeitos de Terror” (*Sun*, 10/06). A escassez de sinônimos usados para designar o GMM muçulmano é contrabalançada pela estratégia retórica do jornal — listar de maneira aparentemente factual exemplos de violência tirados da história moderna —, que despeja essas informações sobre o leitor no intuito de convencê-lo da presença de “terroristas” entre nós.

A estratégia retórica de diferenciação trabalha conjuntamente com o dispositivo de enumeração que universaliza vários fenômenos históricos.

Enquanto o GMM muçulmano britânico é representado como alienado e sectário, os autores dessas representações negativas utilizam estruturas léxicas e sintáticas que conferem a alguns e negam a outros o direito de pertencer: “Será que tem algo a ver com o fato de que temos algumas pessoas neste país que são súditos britânicos, mas que dedicam muito tempo a conspirar para derrubar nosso governo e nossas instituições por meios violentos?” (*Telegraph*, 14/06). Na sua ênfase na exclusão dos muçulmanos do “nós” nacional, este comentário está em sintonia com uma das poucas entradas na tabela qualitativa que tem Conotação de Artigo ambígua para o GMM muçulmano: “E o Ministro do Interior afirma que isto não vai contribuir para a radicalização dos já profundamente desfavorecidos jovens muçulmanos” (*Guardian*, 12/06). Nas entradas tanto de *The Guardian* quanto de *The Telegraph*, a exclusão dos muçulmanos da identidade nacional britânica é evidenciada pelo uso de pronomes pessoais que identificam o “pertencimento”: referidos “precisamente às pessoas cuja lealdade à Grã-Bretanha mais precisamos conquistar” e a “algumas pessoas neste país que são súditos britânicos” (*Guardian*, 12/06), os muçulmanos não fazem parte do “nós” britânico. Sendo o Outro interno, os muçulmanos, se não são uma ameaça absoluta, são sem dúvida vistos como um ponto fraco do “nosso” tecido social “liberal”. Assim, apesar de todas as suas diferenças políticas, os dois jornais parecem explorar a mesma narrativa nacional favorita da “inglesidade”: o inglês é branco, cristão, europeu.

Nesta amostra, a única exceção neste tratamento excludente do GMM muçulmano está na seção “Cartas e Emails” do *The Guardian* do dia 10 de junho. O autor coloca os muçulmanos em é de igualdade com outros grupos divergentes como os ambientalistas, evitando, assim, a cilada essencialista de considerar o grupo minoritário em termos apenas de sua etnia ou religião. Diz ele: “A atual Lei do Terrorismo já foi utilizada contra muçulmanos, manifestantes ambientalistas e delegados idosos à conferência do Partido Trabalhista.” Mas depois continua o raciocínio e inclui os muçulmanos no “nós” daqueles excluídos, ou potencialmente excluídos pela legislação do Reino Unido: “Se os defensores do projeto de lei confiam em que não serão confundidos com essas pessoas [muçulmanos, manifestantes ambientalistas, delegados idosos à conferência do Partido Trabalhista], então talvez possam refletir sobre como se sentem à vontade devido à existência de tantos entre nós que, quando atemorizados, estão dispostos a abrir mão da liberdade dos outros” (*Guardian*, 10/06). Chamando a atenção para as imprecisas fronteiras entre “nós” e “eles”, e, assim, para a ambivalência dos marcadores raciais, étnicos e religiosos, o autor convida os simpatizantes do projeto de lei (e ele é outra vez cuidadoso de não os definir em termos de etnia, gênero, classe ou partido) a terem empatia com o Outro. Ele também destaca a cumplicidade potencial de todos na “nossa sociedade”, que vem sendo assolada pela paranóia; com esta estratégia de argumentação, o autor está invocando a responsabilidade

ética de cada um de nós (integrantes desta sociedade, humanidade como um todo) de sermos responsáveis pelo Outro e de protegê-lo.

## 6 Conclusão

O objetivo do presente artigo é apresentar algumas ideias críticas sobre a concepção metodológica do projeto piloto FRA em particular e sobre a pesquisa de mídia mista em geral. As duas bases de dados do projeto não foram concebidas para contradizer nem desafiar uma à outra, mas para que pudessem conversar. Um exemplo importante da relação entre os dois conjuntos de dados foi a tentativa de codificar quantitativa e qualitativamente a variável Estimação, extremamente subjetiva. Contudo, a tentativa de quantificar a Estimação foi desafiadora. Dado que liga os dados quantitativos e qualitativos, a variável Estimação requer um grande componente discursivo, além de sua quantificação em valores numéricos. Isto é confirmado pela incompatibilidade dos diferentes níveis de codificação de Estimação na análise quantitativa. Embora cada variável – Estimação Global, Estimação da Manchete, Estimação dos Oradores, Estimação das Questões, Estimação dos Atores – seja destinada a codificar um nível diferente de estimacão da mídia, assim refletindo a complexidade da categoria, a quantificação não oferece pistas dos achados do projeto no nível macro, ou seja, no da Estimação Global. Nossos testes quantitativos comparativos provaram que a Estimação Global em um artigo não é um

valor cumulativo das estimações no nível micro. Embora os valores geralmente tenham tendência similar – positiva ou negativa – o numérico não é conducente a uma análise muito detalhada das possíveis explicações que existem por trás de uma estimação específica. Quando examinamos mais variáveis de nível micro (Estimação da Manchete, Estimação dos Oradores, Estimação dos Atores e Estimação das Questões), os dados são mais confiáveis, até certo ponto devido à melhor contextualização por meio de parâmetros adicionais. Portanto, argumentamos contra a adoção da variável de Estimação Global em um projeto de análise de conteúdo, e a favor de medir a estimativa no nível micro.

O conjunto de dados qualitativos de entradas terminológicas do projeto FRA destaca a disjunção entre o sentido semântico das palavras individuais e as conotações adquiridas no nível textual. O que não pode demonstrar é como os significados mudam no nível de frase e de texto (por meio da sintaxe e da gramática do texto); como os mecanismos retóricos específicos modificam os sentidos literais e adquirem novas conotações (ironia, metáforas, perguntas retóricas, repetições, etc.); ou como o arranjo da matéria noticiosa (esquemas e lógica da notícia) afeta a cognição. Com o estudo de caso, defendemos neste artigo a necessidade de fazer avançar a análise qualitativa enfocando eventos midiáticos particulares a fim de possibilitar a análise detalhada, comparativa e diacrônica das narrativas midiáticas a respeito dos GMM. Também complicamos o

quadro argumentando que é preciso de mais explicação discursiva dos valores das variáveis de Estimação desenhadas para o projeto (especialmente a Conotação de Artigo). Isto pode ser feito analisando aspectos não codificados das matérias noticiosas tais como os agrupamentos temáticos, dispositivos retóricos e estilísticos, e estratégias de argumentação. Uma análise assim demonstraria não apenas a ambivalência interna da terminologia hoje utilizada pela mídia, mas também a que está no cerne das variáveis e categorias usadas para realizar pesquisas de método misto.

## Referências

- BUCY, E. P.; HOLBERT, R. L. **The sourcebook for political communication research**. London: Routledge 2011.
- CAMERON, D. Style Policy and Style Politics: A Neglected Aspect of the Language of the News. **Media, Culture and Society**, v. 18, n. 2, p. 315-333, 1996.
- CHADWICK, A.; HOWARD, P. N. **Routledge Handbook of Internet Politics**. Milton Park: Routledge, 2009.
- COTTLE, S. **Mediatized Conflict: Developments in Media and Conflict Studies**. Maidenhead: Open University Press, 2006.
- DIJK, T. van. **News as Discourse**. Hillsdale, NJ: L. Erlbaum Associates, 1988.
- EEMEREN, F. van et al. Argumentation. In: DIJK, T. van. (Ed.). **Discourse as Structure and Process: A Multidisciplinary Introduction**. London: SAGE, 1997. p. 230-257.
- FEILZER, M. Y. Doing Mixed Methods Research Pragmatically: Implications for the Rediscovery of Pragmatism as a Research Paradigm. **Journal of**

**Mixed Methods Research**, v. 4, n. 1, p. 6-16, 2010.

GEORGIU, M. et al. Olga G. Bailey and Ramaswami Harindranath. **Transnational Lives and the Media: Re-imagining Diasporas**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007.

GREENE, J. C. Is Mixed Methods Social Inquiry a Distinctive Methodology? **Journal of Mixed Methods Research**, v. 2, n. 1, p. 7-22, 2008.  
doi:10.1177/1558689807309969

HALLIN, D. C.; MANCINI, P. **Comparing Media Systems: Three Models of Media and Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

HUSBAND, C.; DOWNING, J. **Representing Race: Racisms, Ethnicities and Media**. London: SAGE, 2005.

JOHNSON, R. B.; ONWUEGBUZIE, A. J.; TURNER, L. A. Toward a Definition of Mixed Methods Research. **Journal of Mixed Methods Research**, v. 1, n. 2, p. 112-133, 2007. doi:10.1177/1558689806298224

JUCKER, A. **Social Stylistics: Syntactic Variation in British Newspapers**. The Hague: Mouton de Gruyter, 1992.

KARIM, K. **Islamic Peril: Media and Global Violence**. London: Black Rose, 2003.

MAXWELL, J. A. Using Numbers in Qualitative Research. **Qualitative Inquiry**, v. 16, n. 6, p. 475-482, 2010.

MORAN, M.; MARTIN, R.; GOODIN, R. E. **The Oxford handbook of public policy**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

MORGAN, D. L. Paradigms Lost and Pragmatism Regained: Methodological Implications of Combining Qualitative and Quantitative Methods. **Journal of Mixed Methods Research**, v. 1, n. 1, p. 48-76, 2007.

POOLE, E.; RICHARDSON, J. (Ed.). **Muslims and the News Media**. London: I. B. Tauris, 2006.

\_\_\_\_\_. **Reporting Islam: Media Representations of British Muslims**. London: I. B. Tauris, 2002.

REISIGL, M.; WODAK, R. **Discourse and Discrimination: Rhetorics of Racism and Antisemitism**. London: Routledge, 2001.

RICHARDSON, J. E. **(Mis)representing Islam: The Racism and Rhetoric of British Broadsheet Newspapers**. Amsterdam: John Benjamins Pub., 2004.

**Positive, negative or neutral?  
The “appraisal” variable  
in content analyses studies  
of the media**

**Positivo, negativo o neutra?  
Analizando la Variable de  
“Evaluación” en métodos mixtos  
de investigación en el análisis de  
los medios de comunicación**

**Abstract**

This article interrogates the assumption that media content analyses based on mixed-method research are free of contradictions. We argue that when qualitative and quantitative methods are used simultaneously, the different research paradigms applied in the process cannot be reconciled in a bid to produce consistency. In order to do this, we review in this paper the findings and methodology of a project funded by the EU Fundamental Rights Agency on the coverage of migrants and minorities in the UK press. Focusing more specifically on the codification and interpretation of the Appraisal variable used in the project, we investigate how its subjective definition and challenging quantification are indicative of some of the problems of consistency accompanying the intersection of qualitative and quantitative approaches to content analysis. In this sense, we do not dismiss the potential of mixed-method research to deliver insightful findings, but warn against the mechanical application of cross-paradigmatic approaches, and argue that the gaps and inconsistencies exposed by different paradigms can reveal more about the ambivalence of media representation than their uncritical synchronisation can.

**Keywords**

Mixed methods. Content analysis.  
Journalism. Human rights.

**Resumen**

Este artículo cuestiona el supuesto de que el análisis de contenido de los medios de comunicación basado en métodos investigación mixtos está libre de contradicciones. Sostenemos que, cuando se utilizan simultáneamente métodos cualitativos y cuantitativos, los diferentes paradigmas de investigación aplicados al proceso no pueden conciliarse con el objetivo de producir consistencia. Para ello, se revisan en este trabajo los resultados y la metodología de un proyecto financiado por la Agencia de Derechos Fundamentales de la UE sobre la cobertura de los inmigrantes y las minorías en la prensa británica. Centrándonos más específicamente en la codificación e interpretación de la variable de evaluación utilizada en el proyecto, investigamos cómo su definición subjetiva y cuantificación desafiadora señalan algunos de los problemas de coherencia que conlleva la intersección de los enfoques cualitativos y cuantitativos para el análisis de contenido. En este sentido, no descartamos el potencial de los métodos de investigación mixtos para ofrecer resultados perspicaces, pero advertimos en contra de la aplicación mecánica de los enfoques cross-paradigmáticos, y sostenemos que los vacíos e incongruencias expuestos por diferentes paradigmas pueden revelar más sobre la ambivalencia de la representación de los medios que su sincronización acrítica.

**Palabras-clave**

Métodos investigación mixtos. Análisis de contenido.  
Periodismo. Derechos Humanos.

Recebido em:  
15 de março de 2013

Aceito em:  
24 de junho de 2013

## Expediente

A revista E-Compós é a publicação científica em formato eletrônico da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Lançada em 2004, tem como principal finalidade difundir a produção acadêmica de pesquisadores da área de Comunicação, inseridos em instituições do Brasil e do exterior.

E-COMPÓS | [www.e-compos.org.br](http://www.e-compos.org.br) | E-ISSN 1808-2599

Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.

Brasília, v.16, n.2, maio/ago. 2013.

A identificação das edições, a partir de 2008, passa a ser volume anual com três números.

### CONSELHO EDITORIAL

**Afonso Albuquerque**, Universidade Federal Fluminense, Brasil  
**Alberto Carlos Augusto Klein**, Universidade Estadual de Londrina, Brasil  
**Alex Fernando Teixeira Primo**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Ana Carolina Damboriarena Escosteguy**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Ana Gruszynski**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Ana Silvia Lopes Davi Médola**, Universidade Estadual Paulista, Brasil  
**André Luiz Martins Lemos**, Universidade Federal da Bahia, Brasil  
**Ângela Freire Prythton**, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil  
**Antônio Fausto Neto**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil  
**Antonio Carlos Hohlfeldt**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Antonio Roberto Chiachiri Filho**, Faculdade Cásper Líbero, Brasil  
**Arlindo Ribeiro Machado**, Universidade de São Paulo, Brasil  
**Arthur Autran Franco de Sá Neto**, Universidade Federal de São Carlos, Brasil  
**Benjamim Picado**, Universidade Federal Fluminense, Brasil  
**César Geraldo Guimarães**, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil  
**Cristiane Freitas Gutfreind**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Denilson Lopes**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil  
**Denize Correea Araujo**, Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil  
**Edilson Cazeloto**, Universidade Paulista, Brasil  
**Eduardo Peñuela Cañizal**, Universidade Paulista, Brasil  
**Eduardo Vicente**, Universidade de São Paulo, Brasil  
**Eneus Trindade**, Universidade de São Paulo, Brasil  
**Erick Felinto de Oliveira**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil  
**Florence Dravet**, Universidade Católica de Brasília, Brasil  
**Francisco Eduardo Menezes Martins**, Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil  
**Gelson Santana**, Universidade de Anhembi/Morumbi, Brasil  
**Gilson Vieira Monteiro**, Universidade Federal do Amazonas, Brasil  
**Gislene da Silva**, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
**Guillermo Orozco Gómez**, Universidad de Guadalajara  
**Gustavo Daudt Fischer**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil  
**Hector Ospina**, Universidad de Manizales, Colômbia  
**Herom Vargas**, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Brasil  
**Ieda Tucherman**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil  
**Inês Vitorino**, Universidade Federal do Ceará, Brasil  
**Janice Caiafa**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil  
**Jay David Bolter**, Georgia Institute of Technology  
**Jeder Silveira Janotti Junior**, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil  
**João Freire Filho**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil  
**John DH Downing**, University of Texas at Austin, Estados Unidos

**José Afonso da Silva Junior**, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil  
**José Carlos Rodrigues**, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil  
**José Luiz Aídar Prado**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil  
**José Luiz Warren Jardim Gomes Braga**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil  
**Juremir Machado da Silva**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Laan Mendes Barros**, Universidade Metodista de São Paulo, Brasil  
**Lance Strate**, Fordham University, USA, Estados Unidos  
**Lorraine Leu**, University of Bristol, Grã-Bretanha  
**Lucia Leão**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil  
**Luciana Panke**, Universidade Federal do Paraná, Brasil  
**Luiz Claudio Martino**, Universidade de Brasília, Brasil  
**Malena Segura Contrera**, Universidade Paulista, Brasil  
**Márcio de Vasconcelos Serelle**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil  
**Maria Aparecida Baccega**, Universidade de São Paulo e Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil  
**Maria das Graças Pinto Coelho**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil  
**Maria Immacolata Vassallo de Lopes**, Universidade de São Paulo, Brasil  
**Maria Luiza Martins de Mendonça**, Universidade Federal de Goiás, Brasil  
**Mauro de Souza Ventura**, Universidade Estadual Paulista, Brasil  
**Mauro Pereira Porto**, Tulane University, Estados Unidos  
**Nilda Aparecida Jacks**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Paulo Roberto Gibaldi Vaz**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil  
**Potiguara Mendes Silveira Jr**, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil  
**Renato Cordeiro Gomes**, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil  
**Robert K Logan**, University of Toronto, Canadá  
**Ronaldo George Helal**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil  
**Rosana de Lima Soares**, Universidade de São Paulo, Brasil  
**Rose Melo Rocha**, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil  
**Rossana Reguillo**, Instituto de Estudios Superiores del Occidente, Mexico  
**Rousiley Celi Moreira Maia**, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil  
**Sebastião Carlos de Moraes Squirra**, Universidade Metodista de São Paulo, Brasil  
**Sebastião Guilherme Albano da Costa**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil  
**Simone Maria Andrade Pereira de Sá**, Universidade Federal Fluminense, Brasil  
**Tiago Quiroga Fausto Neto**, Universidade de Brasília, Brasil  
**Suzete Venturelli**, Universidade de Brasília, Brasil  
**Valério Cruz Brittos**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil  
**Valerio Fuenzalida Fernández**, Puc-Chile, Chile  
**Veneza Mayora Ronsini**, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil  
**Vera Regina Veiga França**, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

### COMISSÃO EDITORIAL

**Adriana Braga** | Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil  
**Felipe Costa Trotta** | Universidade Federal Fluminense, Brasil

### CONSULTORES AD HOC

**Alexandre Barbalho**, Universidade Estadual do Ceará, Brasil  
**Ana Carolina Escosteguy**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Ana Gruszynski**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil  
**Arthur Ituassu**, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil  
**Claudia Lahni**, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil  
**Francisco Paulo Jamil Marques**, Universidade Federal do Ceará, Brasil  
**Jiani Bonin**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil  
**José Luiz Braga**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil  
**Leonel Aguiar**, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil  
**Luciana Panke**, Universidade Federal do Paraná, Brasil  
**Marcelo Kischinhevsky**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil  
**Raquel Paiva**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil  
**Sandra Rubia da Silva**, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

### EDIÇÃO DE TEXTO E RESUMOS | Susane Barros

SECRETÁRIA EXECUTIVA | Juliana Depiné

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA | Roka Estúdio

TRADUÇÃO | Sieni Campos

### COMPÓS | [www.compos.org.br](http://www.compos.org.br)

Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

Presidente

**Eduardo Morettin**

Universidade de São Paulo, Brasil

[eduardomorettin@usp.br](mailto:eduardomorettin@usp.br)

Vice-presidente

**Inês Vitorino**

Universidade Federal do Ceará, Brasil

[ines@ufc.br](mailto:ines@ufc.br)

Secretária-Geral

**Gislene da Silva**

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

[gislenedasilva@gmail.com](mailto:gislenedasilva@gmail.com)